



**“O MEU QUILOMBO É BONITO, QUILOMBO DO CURIAÚ”:** PROPOSTA CURRICULAR PARA AS AULAS DE ARTE DO QUINTO ANO DO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS NA ESCOLA ESTADUAL JOSÉ BONIFÁCIO, AMAPÁ

**“MEU QUILOMBO É BONITO, QUILOMBO DO CURIAÚ”:** CURRICULAR PROPOSAL FOR THE ART CLASSES OF THE FIFTH YEAR OF ELEMENTARY SCHOOL AT THE STATE SCHOOL JOSÉ BONIFÁCIO, AMAPÁ

Venâncio Guedes Pereira 

Filipe Noronha Mattiello 

Kézya Julliyanne Portal Ramos 

Luan Magno Piris de Araújo 

## RESUMO

No quilombo do Curiaú, encontra-se uma valiosa cultura musical, onde se tem colaborado historicamente com a identidade do povo negro do Amapá. O objetivo central do trabalho foi trazer uma proposta curricular para as aulas de Arte, com lócus de aplicação na Escola Estadual José Bonifácio, que se localiza dentro da comunidade quilombola do Curiaú, local de nossos estudos para este trabalho. Propõe-se, assim, apresentar dentro da proposta curricular, sugestões e reflexões para as aulas práticas do componente curricular de Arte, seguindo como base as orientações da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), abrangendo a cultura da própria comunidade, além de cumprir com as prerrogativas da Lei 10.639/03 e, a partir de Gomes (2012), com a categoria de educação Étnico-Racial. Sob essa ótica, adotaram-se pesquisas bibliográficas, nas quais pesquisadores relatam as situações da escola que nos serviu como base para as nossas pesquisas, como nas obras de Videira (2014) e Bezerra (2019), e concluímos com a proposta de currículo prático para as aulas de Arte do quinto ano do ensino fundamental anos iniciais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Quilombo do Curiaú. José Bonifácio. Arte. Proposta Curricular.

## ABSTRACT

The quilombo of Curiaú has a valuable musical culture, which has historically collaborated with the identity of the black people of Amapá. The main goal of this work was to bring a curricular proposal for the art classes, with a locus of application in the State School José Bonifácio, which is located in the quilombola community of Curiaú, place of our studies for this work. We propose, thus, to present within the curriculum proposal, suggestions and reflections for the practical classes of the Arts subject, based on the guidelines of the BNCC (Base Nacional Comum Curricular), covering the culture of the community itself, in addition to complying with the prerogatives of the Law 10.639/03 and the category of Ethnic-Racial education. From this point of view, we adopted bibliographical research, in which researchers report the situations of the school that served as a basis for our research, and we concluded with the proposal of a practical curriculum for the Arts classes of the fifth year of elementary school initial years.

**KEY-WORDS:** Quilombo do Curiaú. José Bonifácio. Arts. Curricular Proposal.

## INTRODUÇÃO

Na comunidade quilombola do Curiaú, encontra-se uma rica história cultural no que se diz respeito as manifestações religiosas, resultando em músicas e danças, onde tradicionalmente se retrata e relembra as relações de escravidão, fuga e reciprocidades, revelando a cultura curiauiense atual.

Atualmente, o bairro continua a ser um espaço de expressões múltiplas e que nos inspirou a construir uma proposta de currículo que pudesse dialogar com essa cultura e levá-la ao espaço escolar. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo demonstrar a importância da cultura quilombola do Curiaú, trazendo à tona toda sua contribuição musical e artística para o Estado do Amapá. Para tanto, nos valem das contribuições da lei 10.639/03, que versa sobre a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura africana e afro-brasileira na educação básica no Brasil, e do conceito de educação etno-racial a partir de Nilma Lino Gomes (2012).

Para o desenvolvimento do trabalho foram realizadas pesquisas bibliográficas, as quais foram divididas em três seções. A primeira seção aborda sobre o bairro do Curiaú, retratando uma breve história do povo da localidade e de sua cultura, contextualizando, assim, o lócus da pesquisa. Na segunda seção, abordar-se-á acerca da Escola Estadual José Bonifácio, em que será dissertado brevemente a respeito dos autores que nos informam sobre um importante panorama social e educacional da escola. Ainda nessa seção, falaremos também da BNCC, que é um documento normativo que define as aprendizagens essenciais da educação básica no país. Por fim, na terceira seção, falaremos da nossa Proposta de Prática de Cultura nas aulas de Arte, na Escola Estadual José Bonifácio, onde nela os professores poderão utilizar como guia ou base para suas aulas. Cumpre ressaltar que a proposta pode ser implementada em outras escolas quilombolas, que por ventura vislumbre nela uma possibilidade de levar à comunidade, a detentora dos saberes culturais, à escola, e ao espaço dos saberes acadêmicos.

### 1 O CURIAÚ

O Curiaú é uma comunidade tradicional localizado a oito quilômetros da cidade de Macapá, capital do Amapá. Na comunidade, há famílias remanescentes de quilombolas e que ainda guardam em suas memórias a história dos seus

antepassados, por meio dos relatos contados pelos moradores mais antigos, pelas festividades religiosas ou pelo som do batuque dos tambores do Marabaixo, o ritmo usado pelos escravos para amenizar o sofrimento nos porões dos navios negreiros e considerado a maior expressão cultural amapaense.

Por ser considerado um Sítio Histórico e Ecológico, o quilombo é hoje composto:

[...] por cinco núcleos populacionais: Curiaú de Dentro, Curiaú de Fora, Casa Grande, Curralinho e Mocambo, cuja população é constituída de negros remanescentes de escravos africanos, que ali originaram um quilombo, formadas por várias famílias, ligadas entre si, por laços de sangue e afinidade (GOMES, 2012, p. 24).

A história dos moradores do Curiaú é mantida em suas memórias, assim tornando-se viva com fatos e acontecimentos. Nesse sentido, a imaginação é fundamental aos moradores e torna reais as histórias contadas de geração a geração. Segundo Silva (2004, p. 11), a vida dos moradores do Curiaú vem de uma história de sobrevivência e de convivência com as dificuldades. O autor complementa que “a luta pela garantia do patrimônio faz com que o cultivo seja a grande fonte de renda da comunidade do quilombo do Curiaú, representado por uma entidade que deixa os cidadãos da localidade livres para o esporte e o lazer”.

Para o autor, as histórias contadas e as memórias reavivadas fazem com que as comunidades próximas tenham mais relação e contato com o ponto turístico chamado Curiaú. Até o ano de 2019, de acordo com a publicação da Amazônia Real sobre os moradores da área quilombola do Curiaú-AP, havia aproximadamente 489 famílias morando na região, que zelam pela cultura e práticas locais, não só do Marabaixo, mas também das religiões cultuadas tradicionalmente pelos moradores atuais e antepassados.

## ***1.2 A RELIGIOSIDADE CULTURAL DO CURIAÚ***

A religiosidade cumpre, no Curiaú, um fator de extrema importância no cotidiano dos moradores. Assim como nas demais regiões da Amazônia, há o culto aos santos padroeiros, dos quais são devotados nas festividades e tradicionalmente aos domingos, nas Igrejas de São Joaquim e de Santo Antônio. Para Videira (2013), tais práticas reafirmam a identidade da população do

quilombo. Segundo Silva (2004, p. 28), o início do Curiaú, os grupos de exhibições, a religiosidade do local e a cultura sempre foram favoráveis para a continuidade desse povo.

Ao fazer as festividades das imagens dos santos na comunidade, é uma obrigação rezar as ladainhas e oferece-las aos mesmos como uma forma de agradecimento. Em seguida ocorre o manifesto com o Batuque ou Marabaixo, dependendo da época e os meses dessas manifestações (SILVA, 2004, p. 11).

O Marabaixo, manifestação popular de grande apelo local por negros e não-quilombolas no Amapá, se tornou parte fundamental da cultura e da identidade locais, o que se potencializa no imaginário popular, que acaba relacionando o bairro de forma direta ao Marabaixo. Sobre isso:

O Marabaixo é uma tradição afroamapaense festivo/religiosa que une ciclos geracionais num período anual chamado de Ciclo do Marabaixo, que acontece logo após os festejos religiosos da Quaresma e Semana Santa dentro da religião católica. O primeiro Marabaixo, da área urbana de Macapá, acontece no Sábado de Aleluia no bairro da Favela, e no Domingo de Páscoa no bairro do Laguinho. O festejo do Marabaixo se estende por aproximadamente dois meses (VIDEIRA, 2014, p. 10).

Para os autores que versam sobre o tema, tal manifestação acaba misturando sentidos, sentimentos e práticas que transcendem o artístico e o religioso, refletindo também no social e cultural dos moradores do bairro. O Marabaixo, apesar de fundamental, traz de seu passado lembranças carregadas de discriminações sociais e raciais. Segundo Canto (2017, p. 12), o Marabaixo sofreu ataques sociais violentos, sobretudo por ser a “dança de negros”, pelo racismo e preconceito expressados por pessoas importantes na sociedade. Porém, sua manutenção no cotidiano dos moradores o manteve para as gerações futuras.

Aos domingos, segundo Bezerra (2019, p. 55), a comunidade quilombola do Curiaú se reúne nas igrejas locais, como a Igreja de São Joaquim e a Igreja de Santo Antônio, para a reza das ladainhas e folias, numa atividade religiosa que acontece independente da presença do Padre e sem muito controle da Igreja Católica. O autor complementa:

As comunidades tradicionais da Amazônia, entre elas as remanescentes de Quilombo, são fortemente influenciadas em sua dimensão religiosa, por elementos do catolicismo popular,

expresso por meio da devoção e festividades aos santos [...] as identidades religiosas dos povos da Amazônia são manifestadas pelas festas religiosas tradicionais, realizadas anualmente em cada comunidade, bem como pelas rezas, folias e ladainhas, recitadas com frequência para obter a proteção e benefício dos santos de devoção (BEZERRA, 2019, p. 54).

A religiosidade é possivelmente a dimensão mais reconhecida do Marabaixo, mas não é a única. Por se tratar de um conjunto de manifestações, previstas em calendário, o Marabaixo, ao longo dos anos, ganhou um caráter de manifestação cultural do povo amapaense, sendo praticado por meio de danças, comidas, músicas e outras manifestações.

### ***1. 2 OS ELEMENTOS DO MARABAIXO***

Por misturar elementos culinários, artísticos e identitários, usaremos a definição de Gomes (2012) para uma melhor compreensão de como o Marabaixo se desenvolve na comunidade. Para a autora, os gestos, expressões e movimento corporais de manifestações religiosas, podem ser consideradas:

[...] uma expressão representativa de diversos aspectos da vida do homem, como linguagem social que permite a transmissão de sentimentos, emoções da afetividade vivida nas esferas da religiosidade, do trabalho, dos costumes, hábitos, da saúde, da guerra (GOMES, 2012, p. 28)

O Marabaixo inicia com a preparação e retirada do mastro, que faz parte do festejo da comunidade:

[...] começa com a cortada ou tirada do mastro, feito de uma árvore chamada pau-espírito-santo, que está em extinção mesmo na comunidade. Ele é tão valioso que sua casca é medicinal, mas ao extraí-la a árvore fica danificada, sujeita à morte (SILVA, 2004, p. 35).

De acordo com autor, o mastro é posicionado no local da realização do Marabaixo. Na tarde da festividade, um grande número de pessoas, de todas as idades, vai para a mata quebrar os galhos de muteiras, uma árvore sagrada para a comunidade. Essas práticas acabam sendo incorporadas pelos brincantes, que vão de cavalo, bicicleta ou caminhando para os barracões e as casas de família. Como explica Silva (2004, p. 36):

Os tocadores de caixas em número de dois ou três são acompanhados pelos cantadores de ladrão, apropriados ao

momento. Numa atmosfera de alegria ao som do tom forte do toque apoiado pelo canto, fogos e bebidas faz com que todos cantem e gritem.

A autora também fala sobre as remeiras, que dão a beleza do mastro, pois são elas que o enfeitam, sendo enroladas no pau, firmando na parte de cima uma bandeira com a figura da Santa Maria, mãe de Jesus, ou de outros santos que podem estar fazendo parte da festividade.

No salão, homens e mulheres, uns tocando, outros dançando vão rodopiando cantando ladrões longos ou curtos até o momento de uma pausa para apertar as caixas ou começar outro ladrão. E assim vão até o amanhecer (SILVA, 2004, p. 36).

A tradição marabaixeira encontra na passagem de geração em geração sua forma de resistência, mesmo a comunidade do Curiaú crescendo em número populacional e tendo sua região cada vez mais urbanizada ao longo dos anos.

O ensinamento do Marabaixo ocorre dos mais idosos para os mais novos por meio da tradição oral. E o salão da casa do festeiro é o lugar do encontro de gente orgulhosa de si e de sua etnicidade. E em dias de festa, ele vai se constituindo com os brincantes que chegam e saúdam as amizades, saem do lado para perguntar da mãe, do pai, da tia ou dos compadres e comadres. A família e os familiares, a grande família, no sentido de família ampla, representada na comunidade dançante, têm papel relevante nesse processo de aprendizado, ou seja, é necessária uma comunidade inteira para legar as tradições seculares para as gerações atuais e futuras (VIDEIRA, 2014, p. 10).

Na dança do Marabaixo, a movimentação dos membros superiores (Cabeça, braços e ombros) e inferiores (quadril, pernas e pés) é considerada simples. As mulheres dançam com as mãos na saia comprida, segurando-as e rodada num bailado num ritmo lento que envolve locomoções laterais, gingas que usam o corpo, levando-o para frente e para trás e rodopios em todas as direções seguindo o braço. Sobre isso:

Dependendo da melodia da cantiga, se for lenta e triste, e/ou ritmada as dançadeiras tradicionais dançam marcando em um/dois o tempo e o compasso da música. Dentro desta dança os partícipes seguem o passo básico de pés arrastados um seguido do outro, mas não ficam presos às regras, padrões e modelos, ou seja, todos dançam, desenvolvem suas singularidades e expressam seus sentimentos por intermédio do Marabaixo. A liberdade, criatividade e desenvolvimento individual na dança possibilitam aos brincantes embalarem seus corpos como desejarem (VIDEIRA, 2008, p. 9).

Na dança, parte fundamental da dinâmica das festas, as caixas percussivas são a base rítmica, dando continuidade aos cantos ecoados, onde se declamam as memórias dos ladrões do Marabaixo. Considera-se Caixa um instrumento local adaptado das caixas de guerra<sup>1</sup>. Trata-se de instrumento percussivo feito de um cilindro de madeira cavada ou de metal (hoje, a mais usada, por ser mais leve, de alumínio ou zinco) fechada nas duas extremidades por membranas (CANTO, 2017).

O Batuque é uma manifestação bem envolvente e que acaba contagiando a todos na festa, trazendo alegria e movimentos de dança, pois, segundo Canto (2017, p. 33), dificilmente as pessoas ficam apenas olhando o que está acontecendo, elas logo se misturam com as demais pessoas e se divertem.

Conforme demonstrado na primeira seção deste artigo, há uma união de fatores que torna o Curiaú um espaço social de importante diversidade de expressões artísticas, culturais e religiosas, que dão identidade aos moradores e que carregam as tradições dos antepassados que fundaram o quilombo e que se resignificaram nos contextos vividos a posteriori por seus parentes. Na próxima seção, versaremos sobre a escola José Bonifácio, espaço fundamental para o desenvolvimento social dos moradores, e como a escola se apropria (ou não) desses conhecimentos tradicionais para o desenvolvimento do aprendizado dos alunos.

## **2 ESCOLA ESTADUAL QUILOMBOLA JOSÉ BONIFÁCIO**

A Escola Estadual Quilombola José Bonifácio (EEQJB) está situada na Rua Santo Antônio nº 219, Quilombo do Curiaú, Município de Macapá. Foi Criada através do Decreto nº 0197 do Governo do Estado do Amapá, de 23 de janeiro de 2001. Atua com a Educação Básica no nível de Ensino Fundamental, pela Portaria nº 301/10 da Secretaria Estadual de Educação. No projeto político pedagógico da escola, consta que a função dela é:

[...] Proporcionar situações de aprendizagem e conhecimento que possibilitem aos educandos o desenvolvimento integral, possibilitando o planejamento pessoal e a participação ativa do seu

---

<sup>1</sup> Conhecemos tal narrativa nas verificações prévias da pesquisa, quando conversamos com alguns moradores da comunidade. Por não termos mais literaturas que versem sobre tal interpretação das caixas, optamos por não adentrarmos na discussão.

contexto familiar e social. Respeitar a si mesmo, as pessoas e a natureza. Tornando-se predisposto a sua condição racial, afirmando sua herança cultural bem como sua identidade, para criar meios de convivência e equilíbrio com o mundo, ou seja, permitir que o educando se torna um cidadão na plenitude de suas potencialidades sociais, cognitivas e afetivas (Projeto Político Pedagógico da EEQJB, 2017, p. 17).

Nas obras de Videira (2017) e Bezerra (2019), encontramos etnografias bastante descritivas acerca do histórico da escola, suas dependências e o trabalho realizado pelo autor em sua atuação como professor na escola. Acerca disso, eles também se atentam em investigar elementos simbólicos e estruturais que fazem parte do fazer afro-indígena das benzedeiiras curiaúenses, a partir de uma proposta curricular voltada para a componente curricular de Ensino Religioso da Escola Estadual José Bonifácio, orientada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações étnico-raciais e Quilombola. Sobre isso:

Denominada inicialmente como Escola Agrupada José Bonifácio, iniciou seu funcionamento no ano 1945, no período do Território Federal do Amapá, sendo posteriormente registrada em 23 de janeiro de 2001, como Escola Estadual José Bonifácio. A escola tem como 106 patrono, José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838), primeiro político brasileiro a integrar a ecologia ao projeto de nação e vigoroso partidário da abolição da escravatura no Brasil. Atualmente, o educandário atende aproximadamente 290 estudantes de ambos os sexos e de idade entre 6 e 15 anos, distribuídos no ano letivo de 2018, recorte temporal desta pesquisa, em 14 turmas do 1º ao 9º ano, nos turnos da manhã e tarde. Na escola não estão matriculados apenas estudantes do Quilombo do Cria-ú, mas de diferentes comunidades como, Casa Grande, Curiaú Mirim ou Mocambo, Pirativa e Canaã e bairros vizinhos como, Mestre Oscar, Ipê e Jardim Felicidade, sendo que estes estudantes utilizam transporte escolar como meio de chegar à escola (BEZERRA, 2019, p. 105-106).

Na descrição do autor, vários problemas estruturais são observados nas dependências da escola, desde as salas de aulas, que não possuem ventiladores suficientes para uma boa climatização, principalmente quando é no turno da tarde, quando a sensação térmica fica alta na região. Além da ventilação, existem inadequações na iluminação que tornam o ambiente um pouco escuro. Sobre as questões estruturais, cumpre ressaltar que:

Apenas algumas salas são climatizadas: Direção, Coordenação Pedagógica, Biblioteca, Secretaria Escolar, Laboratório de Informática, que está sem computadores funcionando e internet



disponível, sala de leitura, sala do atendimento educacional especializado (AEE) sala de professores e uma sala de aula (BEZERRA, 2019, p. 106).

O autor ainda destaca, entre as diversas atividades que são desenvolvidas na escola, os projetos pedagógicos realizados no ano letivo 2018. São eles: Projeto Curiaú mostra tua cara, Projeto Conviver, Projeto Plantando Saberes, Projeto Contos e encantos do Quilombo, sendo esses projetos realizados para todos os moradores da comunidade intra/extra escolar, havendo a atuação dos professores, familiares, funcionários, do próprio professor Moises Bezerra e de toda a equipe que ajudou direta e indiretamente.

Em seu trabalho, Videira relata que em 2000, desenvolveu-se o projeto “Curiaú Mostra Tua Cara”, visando à necessidade que algumas professoras perceberam para se trabalhar na escola o conteúdo referente à educação étnico-racial.

Assim, o projeto teve como objetivo afirmar positivamente a identidade quilombola de seus estudantes, em que a criança valorizasse a sua cor e desconstruísse estereótipos negativos sobre sua história. Em relação a isso, a Ex-Professora lembra que ‘o projeto foi criado com o intuito de realmente ‘resgatar’ a autoestima, de mostrar quem nós somos’. Após o desenvolvimento do projeto foi observado segundo a Ex-Diretora da instituição à participação efetiva e o interesse das crianças pelas atividades desenvolvidas pela escola (VIDEIRA, 2017 p. 118-119).

Por meio de Videira (2017, p. 118-119) reconhecemos que os trabalhos realizados pelo projeto tiveram como objetivo a valorização da história, cultura e vida dos quilombolas do Curiaú, dando assim, para as crianças da escola, uma visão de direcionamento sobre as questões referentes ao seu passado, valores e princípios, levados a cabo socialmente até os dias atuais.

## ***2.1 BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) COMO PRERROGATIVA DA PROPOSTA DE PRÁTICAS CURRICULARES PARA O COMPONENTE DE ARTE***

Como ressaltado pelos autores supracitados, é importante pensar na apropriação dos espaços da escola pela comunidade que a circunda, tendo em vista que os consumidores do espaço são quilombolas, e como destaca Bezerra (2019), várias das práticas religiosas, tais como benzimentos, massagens, passes, partos e outras, não são problematizadas ou discutidas no espaço escolar. Isso, para o autor, afasta os agentes do entorno da escola, corroborando

para uma prática religiosa confessional-cristã, inclusive em seus currículos escolares.

Dessa forma, pensando nas problemáticas curriculares não condizentes com a realidade escolar, pensamos em dialogar com a atual Base Nacional Comum Curricular (BNCC) com possibilidades de ensino, levando em consideração ao componente curricular de Arte, nossa formação em Licenciatura em Música<sup>2</sup> e possíveis práticas musicais, tendo como matriz norteadora a manifestação cultural do Marabaixo e suas práticas.

De acordo com o documento oficial, a Base deve nortear os currículos de todas as redes de ensino das Unidades Federativas, bem como as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil. A Base estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se esperam que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a Base soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. Por definição do próprio Ministério da Educação:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2018, p. 7).

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (2018, p. 191), no Ensino Fundamental, o componente curricular de Arte foca nas seguintes temáticas: Arte Visuais, a Dança, a Música e o Teatro. Essas temáticas articulam conhecimentos referentes a fenômenos voltados a ala artística e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as

---

<sup>2</sup> Cumpre ressaltar que apesar de inspirarmo-nos na obra de Prazeres (2019), onde o autor constrói uma proposta curricular para o Ensino Religioso, nós pensamos em uma proposta para o Ensino de Arte, com ênfase aos temas relativos a Música.

subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte. Acerca da definição da BNCC para o ensino de música:

A Música é a expressão artística que se materializa por meio dos sons que ganham forma, sentido e significado no âmbito tanto da sensibilidade subjetiva quanto das interações sociais, como resultados de saberes e valores diversos estabelecidos no domínio de cada cultura (BRASIL, 2018, p. 194).

Mediante os relatos de Bezerra (2019) e Videira (2017), quanto aos problemas enxergados, vemos que dentro da Escola Estadual José Bonifácio, ainda existem pendências sobre a valorização da identidade quilombola para seus estudantes. Por isso, os trabalhos desses autores visam, também, resgatar um pouco da história e da autoestima, além de mostrar de fato quem eles são, acabando com qualquer situação de desvalorização.

Diante disso, selecionamos algumas habilidades da Base Nacional Comum Curricular, que direcionam melhor as questões culturais do quilombo do Curiaú-AP em relação ao ensino e aprendizagem, e as relacionamos às práticas que servirão como propostas de aplicação de acordo com a BNCC para a componente curricular de Arte.

### **3 PROPOSTA DE PRÁTICAS DO MARABAIXO NAS AULAS DE ARTE, NA ESCOLA ESTADUAL JOSÉ BONIFÁCIO**

Para pensarmos a proposta curricular, utilizamos Sacristán (2013), e sua definição de currículo como um território demarcado e regado do conhecimento correspondente. Da mesma forma que o documento curricular, em suma, traduz a ideia de “percurso”, demanda um esforço organizacional do profissional da educação. Acerca disso:

De tudo aquilo que sabemos e que, em tese, pode ser ensinado ou aprendido, o currículo a ensinar é uma seleção organizada dos conteúdos a aprender, os quais, por sua vez, regularão a prática didática que se desenvolve durante a escolaridade. (SACRISTÁN, 2013, p. 17).

Nesse contexto, o que devemos organizar para prescrever um percurso? Pensando no lugar social que o currículo representa, Silva (2019) argumenta sobre como se transpõe um documento de poder para um documento de identidade. Para o autor:

O currículo tem significados que vão muito além daqueles aos quais as teorias tradicionais nos confinaram. O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder [...] O currículo é autobiografia, nossa vida, *curriculum vitae*: No currículo se forja nossa identidade (SILVA, 2019, p. 150).

A partir das prerrogativas conceituais do currículo, para a presente proposta, escolheu-se o quinto ano do ensino fundamental anos iniciais, pois é a série de transição do segmento para o fundamental anos finais, além dos alunos estarem em uma idade que possam desenvolver as práticas propostas e as discussões acerca da identidade propostas no documento curricular. Vale ressaltar que pela característica do texto de Arte da BNCC, na qual as habilidades de um ano são relocadas para os outros (do primeiro ao quinto ano do fundamental anos iniciais), a proposta poderia ser utilizada pelos professores nos demais anos. Ademais, como especificado no título, são propostas que tendem a viabilizar nas aulas um pouco do que já é vivenciado pelos moradores no bairro.

Além da BNCC, tem-se como fundamento a proposta de uma educação étnico-racial, embasada na obrigatoriedade de estudar e ensinar sobre a cultura africana e afro-brasileira nas escolas de educação básica no Brasil. Na lei 10.639/03, como citado no Art. 26-A “[...] Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira”. A lei também deixa claro, em seu parágrafo primeiro, as múltiplas importâncias do estudo da história africana e das lutas dos negros no Brasil, tal como a cultura negra na formação da sociedade nacional, em todas as dimensões da vida social no país. Defender a perspectiva da vida e da cultura dos povos africanos e seus descendentes na escola é uma forma de tentar democratizar a educação, dando novos significados a conteúdos que versavam sobre os negros no Brasil apenas relacionando-os a temas voltados à escravidão, à pobreza e ao racismo. Acerca disso:

A educação pode desenvolver uma pedagogia corporal que destaque a riqueza da cultura negra inscrita no corpo, nas técnicas corporais, nos estilos de penteados e nas vestimentas, as quais também são transmitidas oralmente. São aprendizados da infância e da adolescência. O corpo negro pode ser tomado como símbolo de beleza, e não de inferioridade. Ele pode ser visto como o corpo guerreiro, belo, atuante presente na história do negro da diáspora, e não como o corpo do escravo, servil, doente e acorrentado como lamentavelmente nos é apresentado em muitos manuais didáticos do ensino fundamental (GOMES, 2003, p. 81).

Fazemos valer também a lei 13.278 de 02 de maio de 2016, que inclui as artes visuais, a dança, a música e o teatro nos currículos dos diversos níveis da educação básica e a lei 11.769 de 18 de agosto de 2008, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas de educação básica.

Mediante os aparatos teóricos e legais mencionados, a intenção da presente proposta curricular não é de substituir o texto oficial da BNCC ou o referencial curricular estadual, mas sim de oferecer sugestões e reflexões para a prática pedagógica do componente curricular de Arte, abrangendo a cultura da própria comunidade quilombola, como é o caso do Curiaú, considerando os elementos da identidade cultural e religiosa que a compõem para o processo de afirmação étnico-racial e superação do racismo e das discriminações sofridas pela população afrodescendente e afro-indígena (BEZERRA, 2019) naquela região. A proposta é subdividida em: Ano, Tema de Aula, Habilidade Pretendida e Atividade Prática; organizadas a partir da matriz curricular de Arte.

**Quadro 1:** Proposta curricular do 5º ano

<b>ANO</b>	<b>TEMA DE AULA</b>	<b>HABILIDADE PRETENDIDA</b>	<b>ATIVIDADES PRÁTICAS</b>
5º	<b>Criação Musical.</b>	(EF15AR14) Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.	Encontro de moradores curiauienses para uma oficina de construção de instrumentos percussivos. No encontro, falaremos sobre os materiais utilizados na construção, como obtê-los no bairro, a técnica do toque e as tradições desses instrumentos.
5º	<b>Fazendo Música. Dançando o nosso Ritmo.</b>	(EF15AR15) Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados. Notação e registro musical	Construir ilhas em sala (junção de carteiras dos alunos), para podermos estabelecer as possibilidades de obtenção de sons graves e agudos com os materiais de sala de aula, como o lápis, o quadro, os materiais de ferro, etc. A ideia é perceber que o que nos circunda são musicáveis. Ao final, faremos os registros de grave e agudo nos caderno, representados pelos desenhos dos alunos.
5º	<b>Que dança é essa?</b>	(EF15AR08) Experimentar e apreciar formas distintas de	Organizar um momento festivo de dança, com os

		manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.	ritmos locais, em que cantores e dançarinos do bairro serão convidados para uma intervenção com os alunos. Será valorizado o encontro de obras tradicionais, tal como de obras produzidas recentemente, não só musicais, mas também artesanais (como as vestimentas).
5º	<b>Rememorar é festejar.</b>	(EF15AR10) Experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido) na construção do movimento dançado.	Visitar uma maloca ou sede da comunidade, solicitando auxílio de alguns moradores locais que falem sobre suas memórias, onde aprenderam a dançar e tocar. Nesses locais, usaremos a memória da comunidade para o diálogo com os alunos. Em sala, teremos um momento para que os alunos possam registrar as memórias em poemas escritos, que possam ser musicalizados.
5º	<b>Brincadeiras Musicais.</b>	(EF15AR17) Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, de modo individual, coletivo e colaborativo.	Organizar um projeto Musical, interagindo com outras turmas da escola e/ou grupos da comunidade, no qual cada aluno poderá demonstrar aquilo que sabe e também suas próprias composições. Deixando em aberto a escolha do aluno em suas demonstrações, tanto em instrumentos como em danças etc.
5º	<b>Nossa trajetória, nossa História.</b>	(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.	Como proposta de registrar as memórias dos alunos e preparar os próximos passos dos professores, iremos construir um calendário junto com os alunos, com a ideia de registrarmos nossas práticas e eventos posteriores.

Fonte: Elaboração dos autores.

Baseado nessas Propostas de Práticas na Escola Estadual José Bonifácio, pressupomos que conseguiremos dar mais ênfase para a música no componente curricular de Arte, inclusive nas questões culturais, visitando a história, cultura e

costumes num todo da comunidade quilombola do Curiaú, pois constatou-se que esta colaborou com a música amapaense, tornando a cultura do estado mais rica, e, portanto, produzindo ideias mais bem elaboradas para educação da própria escola e de qualquer outra instituição educacional, bem como de qualquer outra comunidade.

Ressaltamos, também, nossas responsabilidades como educadores, uma vez que admitimos a necessidade de levar a comunidade do entorno do bairro para os espaços escolares. Nesse sentido, reiteramos o que afirma Gomes (2012, p. 99):

Quanto mais se amplia o direito à educação, quanto mais se universaliza a educação básica e se democratiza o acesso ao ensino superior, mais entram para o espaço escolar sujeitos antes invisibilizados ou desconsiderados como sujeitos de conhecimento. Eles chegam com os seus conhecimentos, demandas políticas, valores, corporeidade, condições de vida, sofrimentos e vitórias. Questionam nossos currículos colonizados e colonizadores e exigem propostas emancipatórias.

Acreditamos que nossa proposta seja muito “emancipadora”, como defende a autora, pois corrobora para práticas mais emancipadoras, na medida em que se utiliza de um currículo normativo para dialogar com a sociedade, valorizando seus saberes. A escola, nesse ponto, tende a contribuir com um conhecimento que já pertence aos moradores, mas que agora passa a usar desses saberes como ponto de partida para outros conhecimentos e para o aperfeiçoamento da base cultural da comunidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Manter a cultura e costumes vivos e presenciados pela população torna-se algo bem desafiador, ainda mais em localidades e comunidades pouco vistas e conhecidas. Então, por intermédio desse trabalho e dos autores que cooperaram com esta pesquisa, constatou-se quão rica é a cultura quilombola do Curiaú. Dentre muitos fatos já vivenciados pelas pessoas que preservam em suas memórias um passado bem drástico, mas que hoje analisamos de uma forma diferente, um deles é o Marabaixo cuja importância tornou-se singular para a Cultura amapaense e possui origem advinda dos moradores quilombolas do Curiaú.

Então, por meio de tudo isso, a Escola Estadual José Bonifácio foi selecionada como ponta pé inicial de nossos estudos e pesquisas por ser o local mais apropriado para a valorização dos costumes e culturas musicais dos quilombos que lá residem. Além disso, observamos que não há algo específico na escola que valorizasse de fato os que são de lá, como suas artes, seus trabalhos realizados e tudo mais. Sendo assim, a escola pode repassar de uma forma mais formal para os estudantes em formação que, assim, já aprenderiam desde pequenos aquilo que vem sendo feito diante de toda cultura musical e artística dos quilombos do Curiaú.

Esse trabalho teve o intuito de pesquisar mais sobre os quilombos e sua área artística musical, dentro de sua história e tudo aquilo que eles fazem. Baseado nisso, trouxemos uma proposta cultural nas aulas de Arte, na qual a própria escola valorizará aquilo que é local e, através da nossa proposta, a gestão atual da escola poderá tirar como base ou como referência para as aulas de Arte, que vão dar aos alunos conhecimentos musicais que a comunidade for desenvolvendo e criando ao longo de muitos anos e até mesmo de sua própria história local, sendo vivenciada por antigos moradores quilombolas.

## REFERÊNCIAS

AMAZÔNIA REAL. **Vila do Curiaú guarda a memória da História dos quilombolas no Amapá.** Amazônia Real, Política, 13 de setembro de 2017. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/vila-do-curiau-guarda-a-memoria-da-historia-dos-quilombolas-no-amapa/>. Acesso em: 19 de novembro de 2021.

BEZERRA, Moisés de Jesus Prazeres dos Santos. **Se eu não fizer o bem, o mal não faço!:** as práticas culturais/religiosas afro-indígenas do quilombo do cria-ú e o currículo de ensino religioso da Escola Estadual Quilombola José Bonifácio. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Amapá, Macapá-AP, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

CANTO, Fernando. **O Marabaixo através da História.** Macapá: Editora Printgraf, 2017.

GOMES, Francisco Marlon da Silva. **Memórias das danças do Marabaixo e do Batuque:** cultura quilombola e corporeidade na comunidade do Curiaú em Macapá – AP. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pelotas, UFPel, 2012.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação,** Rio de Janeiro, n. 23, p. 75-85, 2003.



GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, p. 98-109, 2012.

SACRISTÁN, José Gimeno. **Saberes e Incertezas Sobre o Currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SILVA, T. Tadeu da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SILVA, Sebastião Menezes da. **Curiaú**: a resistência de um povo. Macapá: Secretaria de Estado do Meio Ambiente, 2004.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Batuques, folias e ladainhas**: a cultura do quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação. Fortaleza: UFC, 2013.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Dança do Marabaixo**: Cultura Afroamapaense em Evidência. Macapá-AP, 2008.

VIDEIRA, P. L. O Marabaixo do Amapá: encontro de saberes, histórias e memórias afroamapaenses. **Revista Palmares**: cultura afro-brasileira, Brasília, v. X, n. 8, p. 16-21, 2014.

## Sobre os autores

### **Venâncio Guedes Pereira**

Mestre em Estudos de Fronteiras pela Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.  
Contato: venanciogpereira@gmail.com  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5230-4004>

### **Filipe Noronha Mattiello**

Graduação em Licenciatura em Música pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá – IESAP.  
Contato: filipe.n.mattiello@gmail.com  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0951-4772>

### **Kézya Julliyanne Portal Ramos**

Graduação em Licenciatura em Música pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá – IESAP.  
Contato: kportal383@gmail.com  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5426-789X>

### **Luan Magno Piris de Araújo**

Graduação em Licenciatura em Música pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá – IESAP.  
Contato: magnnoar@gmail.com  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2939-8625>

**Artigo recebido em:** 28 de fevereiro de 2022.

**Artigo aceito em:** 13 de abril de 2022.